

brasil

27



REVISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

8.36

o encontro de buriti perdido

Deputado Manoel José de Almeida

Brasília equivale, sem dúvida, a um novo dimensionamento da pátria.

A Nova Capital não vale apenas pelo seu aspecto material, como arrojada concepção arquitetônica e urbanística, a consagrar, entre nós, as mais convincentes conquistas da inteligência a serviço dos anseios de conforto e bem estar do homem civilizado; nem tão somente pelos benefícios a resultarem da retirada dos órgãos governamentais do tumulto do Rio de Janeiro e posterior localização dos Três Poderes em sítio de clima ameno e repousante. Importa isto sim — muito mais pela ampla significação social de que se reveste.

Ao nos lançarmos à contemplação da realidade brasileira, o que nos salta aos olhos, da visão panorâmica, é o gráfico de uma defeituosa distribuição de valores, fazendo erguer, ao longo da linha litorânea, em torno do atual centro administrativo, um autêntico Himalaia, que corresponde às áreas de maior adensamento demográfico. Contraste visual com o restante dos 33% ocupados do país, onde predomina a paisagem melancólica de uma vasta peneplanície, cuja monotonia mal quebram insignificantes ondulações.

Esquecidas as fecundas e desoladas paragens goiano-matogrossenses e considerando, por motivo de ordem afetiva, apenas o São Francisco, temos, por exemplo, como certo, que Brasília vai representar aquele esforço de valorização do homem, indispensável à obra de recuperação da grande corda potâmica. Há dois séculos escreve-se, nas barrancas do «Nilo Brasileiro», uma página dolorosa de degradação, em que o homem, abandonado ao despotismo de uma natureza singular, a um tempo, dadivosa e madrastra, define intelectual, técnica e socialmente. Centro irradiador de cultura e de riqueza, a Nova Capital surge, assim, ao deprimido habitante dos 115 mil quilômetros quadrados, que compõem os municípios ribeirinhos do noroeste do Estado, como autêntica via de salvação. Bafejo de uma mentalidade nova, mercado compensador, valorização do trabalho e da vida. Não é só, porém. Se a obra que se ergue no Planalto é iniciativa do mais puro sabor nacionalista, não há a negar que se reveste também de evidente caráter universalista. Pois que, favorecendo, pelo deslocamento do centro da gravitação social da nação, o processo vitalizador de imensas áreas inaproveitadas, estará contribuindo, sem dúvida, no preparo do país para a predestinação histórica de aglutinador de povos, condição que sua extensão territorial, seus recursos naturais e suas possibilidades parecem lhe assegurar, em futuro não muito distante. Brasília será decisivo na fixação do estrangeiro nas promisso-

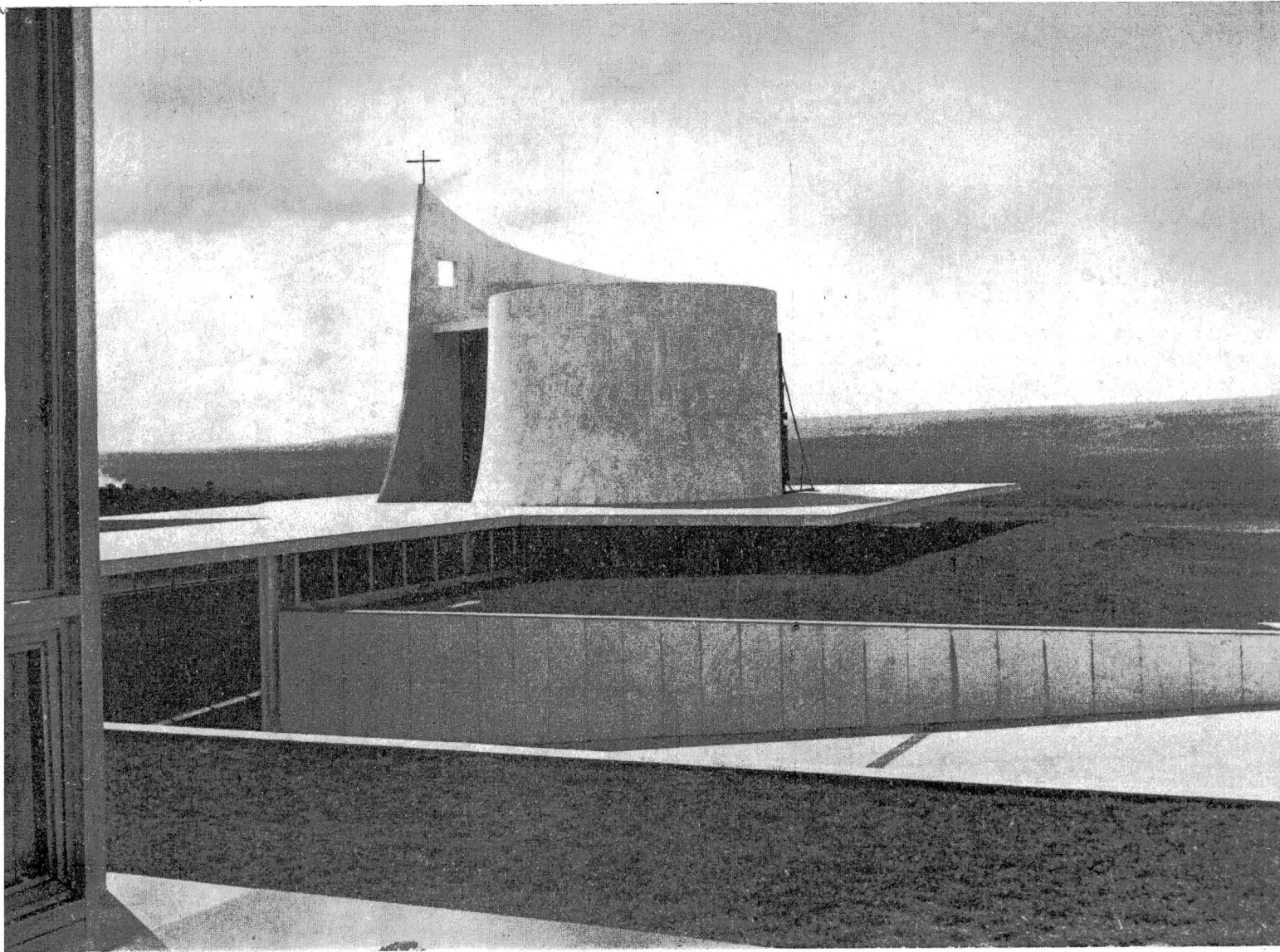
ras longínquas regiões planáltinas. Um dia não muito remoto — veremos, certamente, as planuras, hoje, êrmas do Brasil Central pontilhadas de núcleos e de campos de cultura, onde, lado a lado, e, irmanados no mesmo afã de criar, de produzir, brasileiros e estrangeiros estarão escrevendo a epopéia da civilização, em pleno coração da América. Então se dará o encontro do buriti perdido, com que sonhou o saudoso Afonso Arinos nos delicados vãos de sua privilegiada inteligência.

Ainda em fase de construção, a Nova Capital já nos deu prova cabal da sua vitalidade e capacidade no encaminhamento de problemas magnos da pátria e da influência salutar que exercerá, como elemento de penetração e de colonização, como a rodovia Belém-Brasília, empreendimento, há muito, reclamado e que não mais se poderia adiar, como passo fundamental, no sentido da real ocupação, que se impõe, no anecúmeno desse imenso e desconhecido Brasil interior.

De tal sorte se define, assim, a futura Capital que nenhuma crítica se poderá, com justiça, contrapor a sua construção. A suposta precipitação censurada por alguns explica-se nas próprias circunstâncias que envolvem o obra. Quem tem um sonho a realizar deve ter pressa na sua execução. Ressalte-se, ainda, que, há muito, está sentida a necessidade da empresa, apenas protelada à falta da oportunidade que, agora, surge nos traços psicológicos a estruturarem as personalidades responsáveis pela ciclópica tarefa.

Jamais, construiríamos Brasília num prazo longo, digamos 10 anos ou 20 anos. Os planos de execução demorada fenecem languidamente como as plantas sem adubo. Brasília a prestações! Impossível!

A Nova Capital, que deve refletir o espírito do Brasil, tem de ser, desde o nascimento, como as linhas da arquitetura, que a embeleza: dinâmica, vigorosa, revolucionária. Flor dos trópicos, deve surgir com a impetuosidade dos rebentos alentados por uma natureza fecunda, de luz e de calor. Divisa de dois mundos — o Brasil de ontem, litorâneo e prosaico e o Brasil de amanhã, robusto e construtivo — ela, que transformará, em velho, o moderno de hoje, não poderá fugir à característica de toda inspiração verdadeiramente renovadora. Nas artes, nas ciências, na filosofia, na política, na técnica, onde quer que seja, o progresso é, geralmente, produto de uma centelha, uma percepção momentânea, que surge, rápida, mas fulgurantemente, como relâmpado. A urgência constitui-se numa das grandes virtudes de Brasília. A Nova Capital é o momento precioso da nossa renovação política, social e econômica.



Direção: Nonato Silva.

Layout e capa: Armando Abreu.

Fotos: M. Fontenelle.

Publicação mensal da Divisão de Divulgação da Novacap.

Redação: Av. Almirante Barroso, 54 - 18.º andar

Fone: 22-2626 — Rio de Janeiro — Brasil.

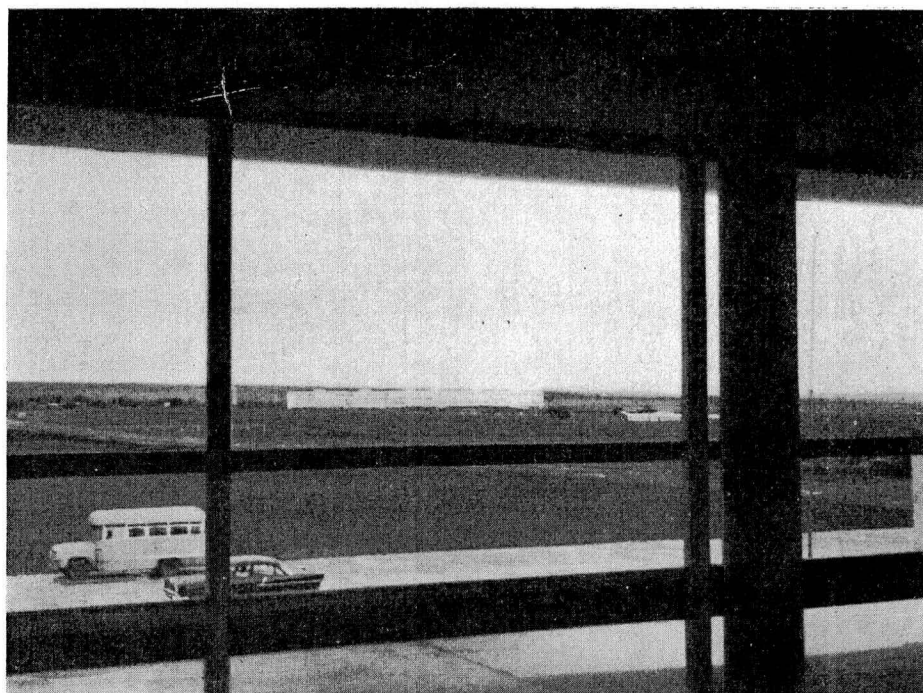
Número avulso: Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros).

Assinatura anual: Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros)

A Direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.

NOSSA CAPA: a capela do Palácio da Alvorada, projeto de Oscar Niemeyer.

b.



Brasília foi um sonho que se fez realidade

Prof. Boaventura Ribeiro da Cunha

Há muito tempo que desejo visitar Brasília, mas, agora que passei do pesadêlo da descrença de sua realização para realidade de sua construção, antes de visitá-la, quero escrever estas linhas para penitenciar-me do meu ceticismo e explicar-lhe os motivos.

Como sertanejo do Oeste, filho da mesopotâmia Tocantins-Araguaia, passei minha infância a percorrer aquelas regiões ínvias do coração do Brasil, ao lado desses inimitáveis pioneiros da fé e da civilização, os missionários dominicanos, cujas escolas e conventos, instalados na antiga capital de Goiás, Formosa, Pôrto Nacional, Conceição do Araguaia e Marbá, muito concorreram para o progresso daquelas paragens.

Os meios de transportes eram as canôas pelos rios navegáveis e os muares, através das picadas terrestres. Em uma daquelas viagens viemos de Pôrto Nacional, Palma, Catalão, Araguari, Uberabinha, hoje Uberlândia para atingir Uberaba, onde deveria continuar os estudos na Escola Apostólica Dominicana. Foi então que passamos pelo planalto onde me disse Frei Francisco Bigorre: Aqui meu filho, será construída, mais tarde, a Capital Federal; esse marco representa o ponto escolhido para o futuro Distrito Federal, de onde sairão, não somente as leis, mas, também as realizações para todo esse Brasil desconhecido.

Mas, perguntei eu, quem construirá nesse sertão bruto, esta cidade? — Será um arrojado, de ouvidos fechados a tôdas as críticas, um homem de têmpera de Couto de Magalhães, que para fazer a navegação do Araguáia, teve de transportar um vapor desmontado carregá-lo em carros de bois. A noite, como sempre deitado no chão, perto da enorme lareira fiquei a meditar na minha medíocre inteligência de menino sertanejo: como seria possível cons-

truir-se ali uma cidade?... No dia seguinte prosseguimos viagem para Uberaba para dois anos depois regressar a Goiás e mais uma vez dormir perto de Campinas, numa outra vasta planície, futura Goiânia capital do Estado de Goiás, embora totalmente ignorada dos seus futuros escolhedores. Em Goiás encontrei uma juventude entusiasta procurando reviver o sonho de Couto de Magalhães que desde a guerra do Paraguai, profetizara e propuzera a mudança da capital do Estado para as margens do Araguaia que no caso de «uma guerra litorânea Daria Uma Segunda Costa Para o Brasil»; mas, os antigos «coronéis» os grandes fazendeiros e políticos profissionais não admitiam sequer que se referisse à tal mudança.

Passados dois anos em Goiás tive ordem de viajar para Porto Nacional onde se fundara um pequeno seminário. Da capital do Estado até o extremo norte, o único centro de estudo secundário era aquela modesta escola dos Frades Dominicanos de Porto Nacional onde eu iria ser aluno e professor; médico havia apenas um, também em Porto Nacional; o Dr. Chiquinho Aires; centros de saúde, hospital, correios e telégrafos, estradas de ferro e de rodagem, tudo isso eram cousas imaginárias que só se conhecia e sabia existirem, alhures através dos livros de leitura. A Transbrasiliana, por exemplo, diziam ser uma futura estrada de ferro que deveria ligar o Norte ao Sul, passando pelo sertão de Goiás. Depois de 1934 uma coluna revolucionária comandada pelo General Miguel Costa, Carlos Prestes, Juarez Távora e Carlos Alberto, percorreu o Estado de Goiás de Sul a Norte passando por Porto Nacional de onde fugiu espavorida tôda a população e onde fiquei com alguns estudantes e dois frades para recebermos aque-

les hóspedes: não houve distúrbio na cidade, apenas as enormes correntes de ferro da cadeia pública foram atiradas às águas do Tocantins; regressada toda a população à cidade os revolucionários prometeram-lhe em praça pública a mudança das capitais do Estado e do Brasil visando à melhoria daquela gente esquecida. E o povo cheio de novas promessas continuou a esperar.

Vitoriosa a revolução de 1930, foi nomeado interventor em Goiás o jovem médico Dr. Pedro Ludovico um dos maiores sonhadores com a mudança da Capital do Estado; convidou o Engenheiro Coimbra Bueno, mandou fazer a planta e executá-la; escolheu não a margem do Araguaia, mas, uma campina mais próxima do Rio e preparou-se para a mudança inacreditável até então. Mandou construir um palacete de dois andares, pintá-lo de verde e denominou-o de Palácio das Esmeraldas; na mesma praça, por medida de segurança ergueu a chefatura de polícia, e as secretarias de Estado, Correios e Telégrafos, não marcou data para a mudança, mas, executou-a antes que se esperasse, dizendo: «Eu sou o Governador; quem me acompanhar, governará comigo, terá terreno para a construção de sua casa própria em prestações módicas; e assim, num golpe de audácia e quase de aventura, surgiu uma nova cidade para o Brasil, a promissora ca-

pital do Estado de Goiás. O povo exultou com o evento; daí para cá o Dr. Pedro Ludovico elegeu-se senador, faz eleger o Governador, de longe ou de perto, manda no Estado como bem lhe apraz.

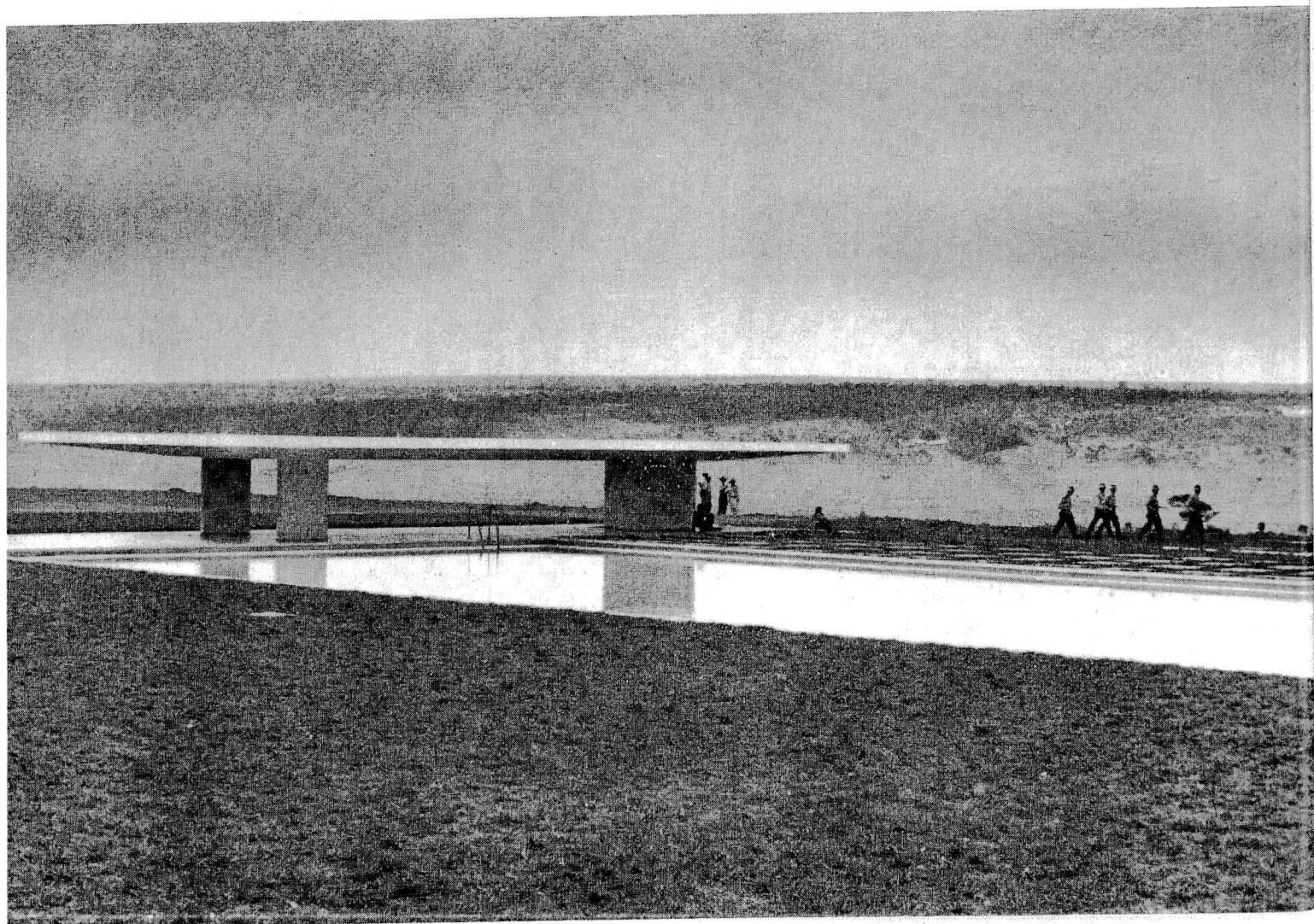
Eis-me agora em 1936, eu então já me achava como professor em Belém e resolvi rever o meu sertão; saindo pelo leste para voltar pelo Oeste, passando pelas capitais da costa prosseguindo pelo Rio, S. Paulo, Minas, Goiás, indo direito à velha capital onde disseram: «mataram nossa velha capital, enterrou-nos vivos depois de cem anos de existência; todavia, eu me lembrava daquela campina onde dormira anos atrás e sabia que nascera uma cidade. Os políticos profissionais do Estado praguejavam e diziam que aquela criança haveria de morrer no nascedouro; no entanto, não morrera e a sua velha mãe, minha saudosa Goiás, com alguns anos após passou a ter água encanada, excelentes hotéis e a progredir como nunca nos cem anos atrás.

Fui ao Araguaia; desci de canôa a remo até Conceição e Maratá de onde, em barco-motor, rumei para Belém onde todos os problemas do meu Brasil sertanejo, continuaram a ninhar-se no meu cérebro de jovem revolucionário; ali permaneci de 1927 a 1937; mas, eu não era um bom político, como ainda não sou, pois sempre advertia os go-

vernos estadual e federal, sobre fatos atinentes ao sertão: escolas, postos de saúde, proteção aos índios e isto nem sempre agradava.

Em 1938 vim fixar residência no Rio onde prossegui no mesmo roteiro através de livros, conferências, entrevistas, e palestras; de uma dessas teses nasceu o Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

Certa noite, quando lecionava no Colégio Pedro II, recebi um telefonema do Ministério da Educação: «O senhor que tanto fala em mudança da Capital, em educação de Sertanejo e de índios do Oeste, está disposto a ir instalar 300 cursos de Educação de Adultos em todo o Estado de Goiás, a sede da futura Capital Federal? Pensei que fôsse um «trote», mas, quem falava era o Professor Lourenço Filho. Pois não, respondi-lhe. Quando devo embarcar? Depois de amanhã. No dia seguinte, entre o Professor Lourenço Filho, o Dr. Clemente Mariane e o Dr. Coimbra Bueno, então Governador de Goiás, tratou-se do meu embarque. Dois dias depois estava eu em Goiânia, de onde, em um teco-teco, rumava para o extremo norte percorrendo todo o Estado, e de avião, a cavalo, a pé, em canôa, para no fim de vinte e seis dias, ver instalados não 300, mas 380 cursos de Educação de Adultos, para proporcionar àqueles sertanejos amanhã intec-



tual básico para os futuros dias que a Pátria lhes reservava naquele rincão, até então esquecido.

Lá estava ainda o planalto central silencioso, rico e pujante à espera de ser transformado em terra da promessa. Naquele tempo não se viam ali ainda, os gigantes ciclóticos da engenharia moderna, os pioneiros da nova Capital; Israel Pinheiro, José Faria, Lúcio Costa, urbanista genial, e êsse Oscar Niemeyer, sem adetivo para cognominá-lo em suas arrojadas concepções arquitetônicas, todos assessorados pelos mais idealistas e crentes em um novo Brasil, homens de ouvidos fechados às críticas e apenas voltados para as ordens daquele que resolveu transformar o sonho de Brasília em realidade nacional. O jovem sertanejo que por ali passou outrora continuou a fazer suas loucuras; mas atingiu os quarenta anos e chegou à conclusão de que: problemas de menores abandonados, sêcas do nordeste, educação de índios, educação de adultos, mudança da capital para o Governo não passava de novelas, cujos autores, pelas leis faziam chorar e sorrir os ouvintes, mas, na realidade, não passavam de recursos teatrais, tanto assim que, para realizá-los, serviram-se de quaisquer artistas alheios aos papéis que nêles representavam. Foi então, que dos meus quarenta anos para cá, passei apenas a colecionar o que já havia escrito e o que outros escreveram e fizeram para os assuntos daquele Brasil Central, cujas novelas dos seus problemas deveriam durar talvez por mais um século.

Daí achar que, dos salões de ar condicionado, do palácio do Catete, ninguém poderia sair para despertar um gigante adormecido há 4 séculos entre a montanha e o mar.

Quando aqui a febre imobiliária se queixasse dos quarenta graus de calor à sombra bastava mandar deglutir mais uma praia como já foram a do Caju, a das Virtudes e agora a do Flamengo, conservando-se a de Copacabana, nada mais é necessário, visto que a Capital Federal, começa depois dêsse magnífico Tunel Novo.

Além disso, para que plantar e para que criar se hoje da Argentina, da América do Norte nos vem o trigo que deu muito bem aqui mesmo na Baixada Fluminense; para que criar galinhas se durante a guerra comemos aves da Argentina e temos leite em pó que nos vem dos Estados Unidos?

E o milho que já vai ser importado também dos Estados Unidos? quem irá consumir o carregamento de chicletes e agora de bambolês? indispensáveis a plástica dos anciãos e das jovens?

E diante de tudo isso, fui crendo mais em Deus e menos nos homens públicos do meu país. Passei, porém, certa vez pelo Catete e parei ali, a mirar aquela obra de arte e perguntei a mim mesmo o que representavam os pássaros de asas abertas ao sol e à chuva, no alto dêsse palácio.

Certamente as águias que conseguem entrar aí e que nunca mais querem deixá-lo. E porque estão de asas abertas de frente para o sertão e de costas para o mar?

Talvez porque queiram voar, embora, jamais voem. Então encontrei o segredo da mudança da Capital Federal: pela primeira vez uma águia não colou os pés de bronze no palácio do Catete; não obstante ser a única que mais tem voado por todos os recantos do Brasil; porém, é rumo a Brasília, para onde mais voa; e se assim é, e todos sabem que não deixa de ser, êsse ninho vai mudar-se custe o que custar.

Dirigi-me então ao Colégio Pedro II, de onde com meu colega o Professor Iatami Campelo, fui ao escritório da Novacap; ali não encontrei um dos meus ex-alunos e escoteiros, o Deputado Epilogo de Campos, mas, encontrei o prólogo de minha crença no Governo, já mumificada por tantas decepções; esse prólogo foi o Dr. José Faria, assistente do Dr. Israel Pinheiro; êle nos recebeu prontamente e para mostrar que estávamos apenas abrindo o livro da história da nova cidade, mandou chamar o Professor Nonato Silva, que nos presenteou com uma coleção completa da revista «brasiliana.» Revista magnífica, em forma e conteúdo; apenas com um defeito à vista; o título, com letras minúsculas, que sem comentário, acho deve ser com uma ou melhor, com tôdas as letras maiúsculas.

À noite, na biblioteca do meu modesto Instituto Brasilindio, entre livros e coveas, entre imagens e recordações, eu vi, através de documentos, fotografias, relatórios, comentários, visitas e plantas de construções gigantescas, elevando-se por entre o mato raso, por onde outrora cavalguei, surgir, uma cidade ciclótica, um oásis de civilização naquele deserto imenso, rico fértil, mas, esquecido pelo Brasil supercivilizado.

Relembrei-me das águias do Catete, e daquela que muito pouco ali, repousa; corri a vista nos dicionários e, nem no de seis línguas de Francisco Almeida, encontrei um epíteto que qualificasse a arrojada obra dêsse semideus nacional, maior na realidade do que o Hércules da imaginação helênica; olhando porém para a teologia do divo Tomaz de Aquino, lembrei-me de sua frase: «Parvi Dei Sumus»; somos pequenos deuses. Acontece, porém, que êsses pequenos deuses se deixam vencer pelos ataques dos grandes demônios, como seja a calúnia, a mentira, o falso patriotismo, e é por isso que, os nossos homens públicos, pouco resistem a êsses ataques estudados.

Então comecei a recitar o Mea Culpa e, para não ter de recitar a Máxima Culpa, antes de visitar Brasília, confesso que creio agora mais do que nunca na sinceridade e na capacidade de quem resolveu executar o sonho republicano da mudança da Capital Federal.

Resolvi, então, escrever e confiar à história de nossa pátria, êsse nome: Juscelino Kubitschek de Oliveira, um médico, presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, resolveu fazer uma laparotomia em um gigante que, por estar 458 anos deitado à beira mar, contraíra uma elefantíase e transportando-o a jato para o Planalto Central, fê-lo reviver, hematosado pelo sangue do seu próprio coração, que ali sentiu um ar mais puro.

Ministro Norueguês

O sr. Arne Skang, esteve em Brasília, fazendo prolongada visita às obras que lá vêm sendo realizadas pela Novacap. O sr. Skang manifestou seu entusiasmo por tudo que pôde observar, declarando: «Só o espírito jovem das Américas poderia construir obra pioneira tão grandiosa como Brasília. O europeu, com séculos de tradição, jamais poderia ter iniciativa tão arrojada».

Congresso de Prefeitos

No Congresso de Prefeitos mineiros e goianos, realizado na cidade de Unai, no Estado de Minas Gerais, próximo à fronteira de Goiás, a parte mais aplaudida pelos numerosos participantes do conclave foi a afirmação do representante de Montes Claros, no sentido de que o candidato à sucessão do Presidente Juscelino deverá assumir solene compromisso com a Nação de prosseguir na construção de Brasília. Se fôr preciso — disse o congressista — pegaremos em armas contra aqueles que pretenderem impedir essa grande obra.

Cholly Hnickerbocker

A convite do Presidente Juscelino Kubitschek visitou Brasília o Governador de Nova Jersey e Sra. Robert Meyner, acompanhadores do jornalista Cholly Hnickerbocker.

O jornalista Cholly diz ser Brasília um estupendo milagre. Uma cidade fabulosa ultramoderna, erguida em plena selva pela energia, coragem e o gênio do homem. Em cada esquina, um edifício estoura do solo e se ergue em direção ao céu. Estradas rasgam-se em todas as direções. A construção do edifício do futuro Congresso está muito adiantada: como será, no entanto, depois de pronto, só o «Senhor» Niemeyer pode nos dizer. Em Brasília, tudo é assim.

Exposição em Lisboa

A Exposição «Brasília-Arquitetura e Urbanismo», que já esteve na sede da

Unesco em Paris, está sendo apresentada ao público português nas salas da Sociedade de Belas Artes.

Durante o período da Exposição efetuar-se-ão conferências: uma intitulada «O Plano de Brasília», pelo arquiteto Formosino Sanches, um dos Arquitetos laureados na Bienal de São Paulo, e outra pelo prof. Mário Tavares Orico, que recentemente visitou Brasília, com o tema «Uma cidade nova».

Conferência

O dr. Israel Pinheiro proferiu, no dia 6, à noite, a aula inaugural na Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais. O presidente da Novacap discorreu sobre o plano de construção de Brasília, ilustrando sua conferência com filmes e gráficos da nova Capital.

Grande interesse

Regressando de Montevideu e Buenos Aires, o professor Fremildo Viana, diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, manifestou-se vivamente impressionado com o interesse existente não só no Uruguai como na Argentina pela situação do Brasil e especialmente pela construção de Brasília.

O professor Viana, que levou gráficos, fotografias e filmes da Nova Capital, na sua viagem, pronunciou diversas conferências sobre Brasília. Em Montevideu, principalmente, onde há pouco, se realizou uma exposição de Brasília, a curiosidade foi bastante grande, demonstrando os interessados conhecimentos minuciosos até de dados de construção.

Grupos Geradores

A firma Burmeister & Wain, da Dinamarca, por intermédio da Cia. T. Janér, forneceu para o palácio presidencial em Brasília dois grupos geradores Diesel-Elétricos inteiramente automáticos numa capacidade total de 850 kw. Está assim assegurado o fornecimento ininterrupto de energia elétrica ao Palácio da Alvorada, sendo es-





18

ta a primeira usina Diesel-Elétrica inteiramente automática existente no Brasil.

Livros sagrados

O sr. Chamum Chalita, na qualidade de delegado da Liga dos Estados Árabes, entregou ontem, no escritório da Novacap, ao Dr. Ernesto Silva, para fazer parte da Biblioteca Nacional de Brasília três preciosos livros, sendo um exemplar de «Al Coran», um da «Bíblia Sagrada» e a obra «O Profeta», escrita por Gibran, considerado o mais famoso filósofo moderno dos povos árabes.

Rodovia

O Ministério da Viação e Obras Públicas comunica que estão prontos mais 370 quilômetros de terraplenagem e, praticamente, as 16 obras num total de 948 metros, da Rodovia Belo Horizonte-Brasília.

Exposição de Tóquio

Com a presença do Presidente da Corte Suprema, Dr. Kotaro Tanaka e o Ministro da Educação Nacional, Dr. Ryoso Hasimoto, inaugurou-se, em Tóquio, a exposição fotográfica «Brasília», organizada pelo Professor Pedrosa, sob

os auspícios do governo brasileiro. Assistiram à cerimônia, em que o governo brasileiro se fez representar pelo seu encarregado de negócios, o Presidente da Associação Latino-Americana, Dr. Miura, o presidente da Sociedade de Comércio Nipo-Brasileira, Dr. Setuzo Sawada, numerosas outras personalidades e membros do corpo diplomático.

Alfabetização de Adultos

Estão sendo criados, em Brasília, duzentos cursos de alfabetização para adultos, pelo serviço de Educação de Adultos do Departamento Nacional de Educação. Esses cursos, por meio dos quais poderão ser atendidos dez mil analfabetos, comportarão, cada um, duas classes, limitadas a 25 alunos, e funcionarão três vezes por semana.

Visita honrosa

A Duquesa e a Princesa Kent estiveram em Brasília, tendo sido recebidas no aeroporto pelo Dr. Israel Pinheiro, presidente da Novacap, que as conduziu ao Palácio da Alvorada, onde as esperavam o Presidente Juscelino e Sra. Sarah Kubitschek. Ao chegar ao Palácio da Alvorada, a duquesa de Kent passou revista às tropas da 6ª Companhia de Guardas, aquar-

18